

Alan Villela

P&B

Peça em 1 ato

“Mas sua luz não se apaga, e até se vê melhor – porque vastas e assustadoras são as trevas dos nossos dias”.

– Cecília Meireles

*Para Haroldo Ferreira Lima
Diego Monti Silva
Leonardo Velten Anacleto*

SUMÁRIO

Parte 1.....	A Criação
Parte 2.....	Domingo
Parte 3.....	P&B

A CRIAÇÃO

P&B: preto e branco, claro e escuro, bom e mal, presa e predador.

Esta peça surgiu em uma oficina de criação da disciplina “Dramaturgia C”, da professora Letícia Andrade, do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto. O tema central da peça é o reencontro de um ex-casal de namorados que, depois de muito tempo, sentam no bar, fumam, bebem e conversam, sobre o presente, sobre o passado e, quem sabe, sobre o futuro?

Meu objeto de pesquisa para a criação da dramaturgia foram cartas que eu escrevi e que nunca mandei, xerox de cartas que eu, audaciosamente, enviei, e cartas de ex que recebi e não rasguei. A professora propôs a escrita de um texto narrativo antes do texto dramático. Surgiu então o conto “*Domingo*” que, em seguida, transformei nessa peça teatral. Este reencontro é uma ficção, mas os sentimentos descritos são escarradamente verdadeiros, assim como todo o diálogo que eu tenho plena consciência que não seria muito diferente.

A minha intenção foi criar uma dualidade entre o preto e o branco. A presença das duas cores nessa peça é fundamental, tanto na iluminação do espetáculo, quanto no cenário e figurino. A importância dessa dualidade é demonstrar as personalidades diferentes de ambos os personagens, realmente bom e mal, breu e luz, o ser ativo e o ser passivo. A presa e o seu predador. Aspecto importante são os “black-outs” que ocorrem durante o espetáculo. A tranquilidade na claridade, mas a fuga e o desespero na escuridão.

(Não nomeei os personagens com a finalidade de não criar temáticas para a peça, podendo ser encenada da forma que o diretor achar melhor, sendo assim, a peça é livre para qualquer tipo de modificação).

Domingo

Ele chegou perfumado com aquele velho cheiro azedo de hollywood vermelho. A blusa de coqueirinhos verdes que ganhara de sua irmã – *“bem Tropicália”* – ele me explicou certa vez. Me olhou sem graça e sorriu. Eu, sem graça, sorri também, antes de me engasgar com o *“Oi”* que eu disse e que, logo em seguida, achei que teria sido melhor não ter falado nada. Só sorriso, como ele.

Faria frio, muito frio, segundo o noticiário que passava de manhã e que eu escutava enquanto terminava de empacotar as minhas coisas, logo antes do telefone tocar e soar rouco pela casa quase vazia, exceto pelas caixas de papelão. Mas eu já não tinha empacotado esse telefone? A voz rouca do outro lado da linha dizendo *“Alô?”* me fez pensar que foi um erro não tê-lo empacotado.

Ou talvez não.

Era um barzinho aparentemente bacana de uma metrópole qualquer, com árvores na calçada quadriculada. Tocava alguma coisa tipo samba ou bossa-nova, enquanto os pedestres corriam para escapar das nuvens cheias que se preparavam para derramar toda aquela chuva ácida, sobre nossas cabeças e nossos sapatos brancos, enquanto eu, sentado e imóvel, percebia o quanto era difícil, meu deus, olhá-lo nos olhos sem desviar o olhar.

E não mudara nada. Nada. Os cabelos pretos e lisos escorrendo na testa. O mesmo óculos de armação grossa que eu tanto gostava e aquele tortinho charmoso no dente. Florentino Ariza, eu costumava chamá-lo. Que audácia minha querer ter sido uma Fermina Daza.

Pedi um uísque com bastante gelo e me perguntou o que eu iria beber. Respondi, incerto, que o mesmo, nem sei porque, nunca bebi conhaque e o que eu queria era uma garrafa térmica de café preto bem forte e sem açúcar. Acendeu seu hollywood espantado ao me ver acender meu carlton – *“de vez em quando, só de vez em quando”*, eu disse. Então eu tragava fundo tudo pra dentro esperando pela vertigem que não vinha com ele ali, bem na minha frente, amarelo e intocável. DO-GMA.

Crostas grossas de sujeira com mosquitos em cima na toalha da mesa, eu observava e cutucava com as pontas dos meus dedos enquanto ele falava da saudade louca que sentia, meu bem, que havia se formado fazia um tempo, que aumentou a sua coleção de livros, entrou na academia, parou de tomar tarjas pretas, maconha e loló, e que, no almoço, fez arroz com ovo frito, assim bem de propósito, para comer a gema do ovo molinha estourada em cima do arroz, uma delícia, simples toda a vida, como a vida que queria.

E me olhava com algum tipo de medo, de cautela, olhar de culpa querendo desculpa que eu não dizia, não dizia, resistia, puta merda, caralho, por que isso agora, porra? Logo agora? E eu me entortava e me debatia naquela claridade escura dos olhos dele. Olhos de medusa: traiçoeiros, assassinos, irresistíveis.

O uísque rasgava fundo por dentro. Esperei o gelo derreter um pouco mais pra ver se ficava mais fraco. Queria ter algum veneno mortal, mas não saberia em qual copo colocar: se no meu ou no dele? Acendi mais um carlton. Meus pés subiam e desciam, feito nervoso de espera. Nervoso de espera. E ele, ele falava, cantando.

A toalha da mesa já encharcada com o suor das minhas mãos, ou apenas um gelo perdido derretendo por aí, quente, fervendo, da forma exata como eu, por dentro, fervia também, até que ele, catito e inocente, perguntou: “*E você? Como vai você?*”

Esses dois segundos duraram-me a eternidade, e a visão daqueles olhos, refletidos em meus olhos, me paralisaram.

Então eu pisquei.

Naquele exato instante, centenas de milhares de crianças nasciam e centenas de milhares de pessoas morriam enquanto os astros se alinhavam com a terra, e ele ali, bem na minha frente, me perguntando como eu ia.

Como eu ia?

E eu não fui capaz de gritar que não. Não!

Eu não ia.

Eu não ia há muito tempo.

Que eu já tinha me esquecido da última vez que eu cheguei a pensar a ir há algum lugar, e o que você está fazendo aqui? Agora? Quem te deu esse direito? Essa permissão? Com essa blusa, esse cheiro e essa sua postura patética que eu tanto amei?

Veio para tomarmos conhaque, fumarmos e rirmos do tanto que você me foi importante e o quanto que impotente eu fui naquele quarto branco, vazio, exceto pelo bombril na antena da tv e dos nossos peixes dourados, afogando no aquário, enquanto eu mastigava os lençóis da cama, o olho vermelho de febre, de mágoa. O disco arranhado e a sopa esfriando no canto da mesa. E eu fumando, fumando os hollywoods que você esqueceu de buscar junto com todo o resto que você deixou, impregnado. Suas ervas daninhas, matando a sala, matando a casa e me matando depois.

Veio para que eu te diga que, de todos, você foi o maior. Que, com você, eu queria comprar animal de estimação, sabão em pó, buquê de flor, cama de casal, cultivar flor em pote de margarina Delícia, tomar banho de mangueira no quintal de casa, tirar seu casaco quando você chegasse do trabalho, e, no fim da noite, assistir televisão com nossas pernas enlaçadas – imortais – até a velhice chegar.

Que, agora, eu quero te bater forte na cara, mas eu quero te beijar longo, e o tanto que eu te odeio, eu te odeio, mas o tanto que eu te amo, eu te amo.

E isso me dói, porque, por mais que você não mereça, eu te quero, mas por mais que eu te queira, eu me proíbo, porque eu sou bobo e o meu orgulho é maior.

Senti algum arrepio gelado correr em meu corpo. Respirei o mais fundo que eu fui capaz e respondi:

“Eu vou bem, muito bem, sempre muito, muito bem”.

P&B

(Para se ler ao som de Elis Regina)

PERSONAGENS:

P – O breu, o cigarro, o predador.

&

B – O claro, o cinzeiro, a presa.

(E um garçom qualquer).

A cena acontece em um barzinho, sendo que o clima do bar é bastante importante. Somente uma mesa ao centro com duas cadeiras, guardanapos sobre a mesa, cinzeiro. O diretor pode explorar objetos que sirvam de signos para a expressão da dualidade entre os personagens.

Para introduzir o espetáculo, segue-se uma pequena sugestão:

A peça inicia-se em black-out. Ainda escuro, começa a tocar a música “*Como Nossos Pais*”, de Elis Regina. Fotografias em P&B, passagens de ônibus, cartas, escritos, e signos são projetados ao fundo. Nessa projeção, com as imagens de fundo, pode-se também passar a ficha técnica do espetáculo: Direção, figurino, iluminação...

Antes de a música terminar, aparece a seguinte frase em letras fortes e grandes:

“Mas sua luz não se apaga, e até se vê melhor – porque vastas e assustadoras são as trevas dos nossos dias” – Cecília Meireles.

Aos poucos, bem aos poucos, as luzes vão surgindo e revelando o personagem B sentado na cadeira, sozinho.

“Não quero lhe falar,
Meu grande amor,
Das coisas que aprendi
Nos discos...”

Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor
É uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa...

Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado prá nós
Que somos jovens...

Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço,
O seu lábio e a sua voz...”

B sentado, sozinho.

Entra P, sorrindo.

B levanta, sorrindo também.

B – *(Desajeitado)* – Oi!

(Se abraçam)

P– Nossa, oi!

(Ambos se olham, sem graça).

(Pausa)

B – Quanto tempo!

P– É! Ei, você mudou bastante!

B – Você não mudou nada.

P – Ah, mudei sim!

B – Às vezes os cabelos...

P – É...

(Silêncio. Constrangimento, até que P se senta. B se senta também).

P – Então, vai beber alguma coisa?

B – Acho que não sei.

P – *(Riso Leve)* – Acho que não sei?

B – É. Acho que não sei. Não decidi ainda.

(Entra o garçom).

P – Por favor, me vê um uísque bem forte com bastante gelo.

B – *(Com uma certeza incerta)* – É! Pra mim também, pode ser.

(Sai o garçom)

(Silêncio longo. P observa B de uma forma gostosa, quieto, enquanto B, cabisbaixo,

entretendo-se com algum objeto em cima da mesa).

B – O que você está olhando?

P – Você. *(Pausa)* O quanto você mudou.

(P retira o maço de cigarros)

B – *(Sem graça com o comentário de P)* – Hum... ei, me empresta o isqueiro?

P – *(Surpreso)* – Você está fumando?

B – Um pouco. Carlton. *(Acende o cigarro, que fuma quase compulsivamente, fortes tragadas).*

P – Você não devia fumar. Esses vícios pertencem há mim, não a você.

B – Algumas coisas mudam. Eu mudei um pouquinho, mas nada muito grave, eu fumo só de vez em quando...

(Silêncio longo. Constrangimento. Ambos fumando e expelindo fumaça como em um ritual. Entra o garçom com as bebidas e sai em seguida).

B – *(Olhando o copo)* – Como vai você?

P – *(Descontraído)* – Eu estou daquele jeito de sempre, nessa insanidade louca. Me formei tem um tempinho, até que enfim! Não suportava mais aquela cidade, você sabe. Comprei uns livros novos, entrei na academia, estou levando uma vida mais tranquila, como eu planejava naquela... *(Pausa)* época. Acho que estou criando juízo, envelhecendo também. Eu parei com os remédios, agora só homeopatia. *(Silêncio)* Senti saudades suas. É bom te ver.

(Silêncio longo. B contornando a boca do copo com as pontas dos dedos. A cabeça baixa).

P – Como vão seus pais?

B – Meus pais?

P – É! Seus pais!

B - Estão bem! Estão ótimos.

P – Eu gosto muito deles, você sabe!

B – É, eu sei. *(Pausa)* Como vai a sua irmã?

P – *(Animado)* – Casadíssima e a única da família que tem a cabeça no lugar! Ela sempre me pergunta de você!

B – E o que você responde?

P – *(Impreciso)* – Que você está bem! Eu acho. *(Caçoando)* Ela não vai acreditar quando eu contar que você está fumando!

B – *(É a primeira vez que olha realmente nos olhos de P. A cabeça erguida, a voz neutra)* – Então não conta.

(Novamente o silêncio que precede o constrangimento. B desvia o olhar e abaixa a cabeça bem de leve).

P – E a faculdade?

(Essa é uma fala bem gostosa para B. A primeira vez em toda a conversa que ele se sente à vontade e fala animado e descontraído, com uma saudade prazerosa).

B – Produtiva! É bacana ser um universitário, pensar nas causas revolucionárias, morar fora, sozinho. Você sabe o quanto eu sou louco na minha família, sinto uma saudade enorme quando fico muito tempo sem voltar pra casa. Minha mãe me liga o dia todo, e é tão gostoso escutá-la me descrevendo o que está fazendo lá em casa, como se isso me aproximasse dela – e aproxima! Ela faz café e me liga para tomar conversando comigo e, surpreendentemente, é sempre nos momentos em que eu também estou passando café. Aí ficamos nós dois, juntos, rindo e bebendo café, na nossa forma de aproximação lícita, ela lá longe e eu cá longe, nessa terra de ladeiras e muito frio. Você está sentindo? Esse frio?

P – Eu estou.

B – É diferente o frio daqui. Parece que ele te aperta.

P – E quando você volta pra casa?

B – *(Em uma espécie de alegria desanimada)* – Na semana que vêm! E parece que semana que vêm não vêm nunca!

(Silêncio longo. P observa B, sempre, e B sem graça, a cabeça baixa, entretido em qualquer defeito na toalha da mesa, e quieto, sempre).

P – Te observando agora, de perto, é estranho, diferente. Você está com a idade que eu tinha quando nos conhecemos, vivendo o que eu vivi, e sabe, você cresceu bastante, cara! Dou o maior valor pra essas coisas. Experiência de vida, saca? Tomar as suas decisões, cuidar de si próprio, arregaçar a vida, porque se você não arregaça a vida, a vida te arregaça primeiro e ainda ri da sua cara!

(B ri de leve, precavido, cauteloso).

(Silêncio)

P – Saindo muito?

B – (*Neutralidade*) – Não... você me conhece... faculdade, casa, televisão, livros, café, (*ênfase*) bastante café! Uns namorados, às vezes, mas nenhum que dure mais de três meses. (*Brincando da própria desgraça*) Parece até praga! (*P afeta-se com a brincadeira*) É bom ter alguém pra ficar junto aqui nessa cidade. (*Quase poético*) Com dois, a cama esquenta mais rápido e o frio diminui.

(*Silêncio. Silêncio.*)

B – E você?

P – Já disse. Naquela insanidade louca. Mas dei uma parada com isso. Dei uma parada com tudo.

(*Descontadamente adulto*) Quando a gente forma, é complicado, parece que apagam o nosso mapa secreto com todos os nossos caminhos futuros. Eu entrei em um labirinto nesses últimos meses. Não achei a saída, aí resolvi sentar e acender um cigarro. Estou aqui agora.

B – (*Descontraidamente ameaçador*) – Cuidado para a vida não te arregaçar e ainda rir da sua cara!

P – Ela não vai! Não vai! Cortei relações com qualquer possibilidade de fracasso futuro. E se, ainda assim, eu fracassar, eu perco achando graça da coisa e não me importando muito pra nada disso. Abro uma pousada na beira da estrada, faço um mochilão e desapareço por aí, até me encontrar. No momento, eu me encontrei por aqui.

B – Por quanto tempo?

P – Não sei. Trouxe uma mala, uns maços de cigarro e macarrão instantâneo!

B – (*Achando graça*) – Você não vai sobreviver muito tempo!

P – (*Achando graça da graça do outro*) – Ah! Duvida?

B – Duvido!

P – Aposto?

B – Apostar o quê?

P – (*Galanteadoramente poético*) – Um vinho barato e um musical antigo na TV.

(*Silêncio – B recua*)

B – Me empresta o isqueiro? Eu sempre esqueço de trazer o meu!

P – (*Reprovando*) – Mais um?

B – *(Fingindo não entender)* – O quê?

P – Cigarro.

B – É. Mais um.

P – Esse cheiro em você... é tão meu. Cheiro de cinza.

(Silêncio)

B – Está frio. Já disse que o frio daqui te aperta?

P – Já sim.

B – *(Sufocado)* – Te aperta forte no peito. Dá um sufoco às vezes. A língua trava.

P – Bebe que esquenta.

B – Não gosto muito de uísque.

P – *(Rindo)* – Mas então por que você pediu?

B – Acho que não sei...

(Leve silêncio)

P – *(Sorriso pequeno)* – Você não mudou tanto assim! *(Falando de um jeito delicioso)*
Continua com aquele jeito despreziosamente infantil!

B – *(Sem aborrecer)* – É para considerar como um elogio?

P – *(Gostoso)* – É Sim! Não infantil de infantilidade, mas continua naquela sua essência tranquila, quieto, forte, entende? Isso é lindo! *(Com uma amargura conformada)* Já eu me sinto um velho frustrado que nunca sabe o que quer. Passou da hora de eu buscar alguma coisa, um rumo. Acho que quero dar um tempo de tudo, sabe? *(Pausadamente. É uma fala “delícia” de se dizer)* Outro dia eu lembrei de você de uma forma deliciosa! Eu fiz arroz com ovo frito, assim bem de propósito, pra comer a gema do ovo molinha estourada em cima do arroz! Uma delícia! Simples toda vida como a vida que eu estou querendo!

(Silêncio. Não há reação).

P – *(Desgostoso)* – Ei!

B – Oi?

P – Olha pra mim!

B – Mas eu estou te olhando!

P – Nos meus olhos!

B – Então!

P – Você me olha, mas não me enxerga, então desvia o olhar!

(Black-out. Silêncio).

B – (Como quem desengasga) – É que você me olha com algum tipo de medo, de cautela! Olhar de culpa querendo desculpa que eu não vou dizer! Não Vou! Eu estou te resistindo, cara! Não está vendo? Se eu desvio o olhar é porque não quero me perder nessa claridade escura dos seus olhos! Olhos de medusa: traiçoeiros, assassinos, (tentado) irresistíveis...

(Retorna a luz, de súbito).

B – *(A desculpa mais esfarrapada que conseguiu formular)* – É a vertigem, do cigarro! Me deixa tonto, e esse frio, me apertando, travando a minha língua. Isso me incomodava muito mais, é que hoje o frio está forte, sabe? Eu deveria ter vindo de luvas. Frio nas mãos faz ela suar, está vendo?

(mostra as mãos). Estranho, né?

P – Normal. Eu tinha uma professora que dizia que todo mundo sentia a mesma quantidade de frio, não importando a quantidade de agasalho. Só que as reações ao frio eram diferentes de pessoa para pessoa.

(Breve silêncio)

P – O uísque me esquentar. Bebe que ajuda!

B – Eu estou esperando o gelo derreter pra ver se fica mais fraco.

P – *(Paterno)* – Quer um guaraná?

B – *(Infantil)* – Não... queria café.

P – *(Conformando)* – Mas aqui não vende café.

B – *(Óbvio)* – Eu sei, por isso eu disse que “queria”.

P – Quer ir para outro lugar?

B – Não! Aqui está bom! Eu gosto da música. O que é isso?

P – Não sei. Alguma coisa tipo samba ou bossa-nova.

B – Parece jazz.

P – Jazz?

B – É! Jazz.

P – E desde quando você escuta jazz?

B – Eu não escuto jazz. O povo da faculdade que tem a mania de escutar essas coisas. Aí a gente acaba sacando.

P – É, pode ser que seja jazz.

B – Pode ser.

(Silêncio longo)

(Ambos de cabeça baixa, propositalmente distraídos com qualquer coisa. Às vezes, os olhares quase se cruzando).

B – Posso te perguntar uma coisa?

P – Claro!

(Black-out. Silêncio).

B – Você está me perseguindo?

Já faz tanto tempo, cara, *(entre pequenas pausas)* mas faz tão pouco tempo. Tudo o que eu não cheguei a te dizer ficou entalado na minha garganta, feito esse frio que está me travando, esse frio repentino que está fazendo hoje, que chegou com você e eu não soube me agasalhar o suficiente pra suportar, aí eu tremo e me travo todo e desvio o olhar dos seus olhos, pois pra mim é tão difícil ver em seus olhos o reflexo dos meus, quase cristalinos. *(Quase admirando)* E você não mudou nada, o mesmo cabelo escorrendo na testa, os óculos de armação grossa que eu tanto gostava e esse tortinho charmoso no dente, junto com esse seu ar patético que eu tanto amei, fumando cigarros, bebendo bebidas e intelectualmente um bosta a ponto de aparecer na minha frente, depois de tudo, e me perguntar como estou. *(Pausa)*. Eu queria ter um veneno mortal aqui na minha mão, mas eu juro que não saberia em qual copo colocar: se no meu ou no seu. Melhor nos dois.

***(Irônico e engraçado)* Paixão psicótica: Mata o ex e se mata depois. Faria uma boa manchete no jornal. Eu não sei o que você quer fazer comigo, e eu te juro que eu não vou deixar, seja lá o que for, por que eu não posso deixar, eu não posso querer deixar, vender os meus olhos seria burrice e eu já passei dessa parte da inocência.**

(Retorna a luz, de súbito).

B – Aonde você se vê daqui a... cinco anos?

P – *(Rindo)* - Haha, que pergunta difícil!

B – Não pensa muito, só responde o que passar pela sua cabeça.

P – (*Impreciso*) Me vejo... é difícil... (*Pausa*). Eu não gostaria de me ver da mesma forma que eu estou hoje, saber que mais cinco anos se passaram e que eu continuo assim, estancado. A minha vontade é de morar naquela fazenda que eu costumava imaginar... cuidar de mim, cuidar de alguém e ter alguém que também cuide de mim, e sabe, não pensar mais em muita coisa. Aprendi que pensar demais desgasta. Já me desgastei o suficiente pra idade que eu tenho. Ou então eu penso em desaparecer. Acho que a segunda opção é a mais próxima da minha realidade.

(*Silêncio*)

P – E você?

B – A pergunta foi minha, não sua.

P – Isso quer dizer que eu tenho que formular uma pergunta diferente?

B – Não sei... você tem algo pra perguntar?

P – Tenho.

B – Pergunte.

P – Ah, mas assim é difícil! Você está me intimidando!

B – Eu não estou fazendo nada, você quem inventou que teria que me perguntar alguma coisa.

P – Está bem, calma.

(*Silêncio*)

P – Fazendo um paralelo de dois anos atrás para o presente momento, agora. Você está feliz?

B – Muito!

P – Muito?

B – É! Muito!

P – Mas só muito?

B – Ah, eu englobei tudo nesse “muito”. Como você mesmo disse, eu cresci. Estou tomando as minhas próprias decisões, arregaçando a vida, conquistando uma porrada de coisas que eu não pensaria em conquistar a dois anos atrás. Eu dei um salto enorme, e isso me deixa feliz, mais feliz ainda por saber que deixam meus pais felizes. Mas também é difícil. Às vezes me sufoca, dá vontade de desaparecer, que nem você, mas eu não cedo e suporto

firme.

(Silêncio)

B – E você?

(Silêncio)

P – Há dois anos atrás... eu era um moleque idiota, e às vezes eu percebo que não mudei tanta coisa, então eu acho que estou inativo para qualquer possibilidade, que eu estou perdendo e, teoricamente, o plano era ganhar, nem sei o quê, mas ganhar. Eu estou sempre fugindo, de lugares, de pessoas, de mim mesmo. Eu tenho que aprender a fixar-me, a criar raízes.

(Black-out. Silêncio).

B – *(Serenó)* – Você nunca vai criar raízes, porque você é efêmero. Você foi embora sem dizer nada. *(Da serenidade para a sofreguidão)*. Foi como acordar e descobrir que você não existia, pois não havia mais resquícios seus naquela casa, somente o seu cheiro impregnado nos lençóis e nas fronhas dos travesseiros. E eu te esperei! Incansavelmente eu te esperei, na esperança de acordar e te encontrar ali do meu lado. Esperei por três, quatro, cinco dias, cinco meses e você feito sombra pela casa, feito pedra no meu sapato, me machucando! Você foi um covarde, mas eu fui idiota, pois quando eu criava coragem pra desistir de você, eu desistia era da coragem pra continuar te esperando.

(Retorna a luz, de súbito).

B – Você precisa primeiro inspirar, para depois expirar. Você está sempre expirando, intensamente e a todo o momento, esquecendo-se de que, para ter fôlego, é preciso respirar, respirar fundo.

P – Eu sei! Eu sei. E o que me dói é que eu sei!

B – Eu não sei o quanto te dói, mas sei que quem acaba com essa dor é você. Se te dói, cara, é porque há feridas.

P – *(Sem compreender)* – Como?

B – Carma. Toda ação gera uma reação.

(Silêncio)

P – Você sempre foi ligado nessas coisas, né?

B – Que coisas?

P – Mitologia, Astrologia, Numerologia...

B – Um pouco. Culpa da minha mãe, puxei dela. Desde moleque que eu vasculhava o que ela lia. Acabei aprendendo um pouco de cada coisa. Aprendi a enxergar uma pessoa verdadeiramente só de saber seu signo.

P – *(Rindo e achando graça)* E o que foi que você enxergou em mim?

(Silêncio súbito. Ambos se olhando nos olhos. B sério).

B – Um labirinto. *(Breve pausa)* Sem migalhas de pão que te guiem.

(Silêncio longo. Não se olham).

P – Olha... há dois anos atrás nós nos conhecemos e o amor veio em bloco, entupindo a avenida, feito enxurrada, cheio de cor e brilho, feito bloco de carnaval. E nós dois dançávamos lindamente, sambando as nossas marchinhas particulares, jogando confete e serpentina pro alto, a cara pintada de vermelho e lantejoulas pelo nosso corpo. E você sempre na dianteira do bloco de nós dois, segurando alto o estandarte, sem nunca deixar cair. Eu não consegui acompanhar seus passos na dança e resolvi ficar para trás, dançando sozinho na avenida. Quando me dei conta, você já estava longe de mim e eu sem coragem de correr para te alcançar. Há dois anos atrás eu fui um covarde e agora reapareço e vejo o quanto você cresceu, cara, e isso me deixa feliz demais. Feliz por você. E querendo seus confetes, suas serpentinas e suas lantejoulas de volta.

(Black-out. Silêncio).

B – Por que isso agora? Logo agora, porra! Quem te deu esse direito de voltar e me dizer todas essas coisas? *(Irônico)* Você veio para tomarmos conhaque, fumarmos e rirmos do tanto que você me foi importante e o quanto que impotente eu fui, sozinho naquele quarto, enquanto eu mastigava os lençóis da cama que você usou, o olho vermelho de febre, de mágoa, fumando os hollywoods que você esqueceu de buscar junto com todo o resto que você deixou, impregnado. Suas ervas daninhas, matando a sala, matando a casa e me matando depois.

***(Com uma gostosura doída)* Veio para que eu te diga que, de todos, você foi o maior. Que, com você, eu queria comprar animal de estimação, sabão em pó, buquê de flor, cama de casal, *(rindo)* cultivar flor em pote de margarina Delícia, tomar banho de mangueira no quintal de casa, tirar seu casaco quando você chegasse do trabalho, e, no fim da noite, assistir televisão com nossas pernas enlaçadas, imortais, até a velhice chegar.**

***(Dolorido e forte)* Que, agora, eu quero te bater forte na cara, mas eu quero te beijar longo, e o tanto que eu te odeio, eu te odeio, mas o tanto que eu te amo, eu te amo. E isso me dói, porque, por mais que você não mereça, eu te quero, mas por mais que eu te queira, eu me proíbo, porque eu sou bobo e o meu orgulho é maior.**

(No exato instante que B termina sua fala, entra o seguinte pedaço da música de Elis Regina):

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo,
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Como os nossos pais...*

(Na medida que vai rolando a música, a luz vai subindo. Quando a música termina, a luz já deve estar normal).

(Silêncio).

B – Meus confetes, *(Pausa)* minhas serpentinas, *(Pausa)* todo o brilho das minhas lantejoulas viraram cinzas junto com a quarta-feira. *(Pausa)* O bloco se dispersou na avenida e foi cada um para o seu lado, exaustos como ressaca de carnaval. *(Pausa)* Vieram outros carnavais, mas nenhum com tanta cor, tudo muito P&B: preto e branco, feito fotografia antiga, antiga mesmo, que a gente olha pra recordar alguma coisa que foi boa, mas que é mesmo só uma lembrança gostosa de se ter. *(Pausa)* Dessas lembranças, querido, você é o preto e há dois anos eu venho tentando ser o branco; a junção de todas as cores, enquanto você se tornou à ausência de todas elas. Virei uma criatura com medo da escuridão, de me perder dentro dela, de entrar na curva errada dentro dos labirintos. Aí eu evito, cautelosamente eu me polício e evito entrar em becos sem saída.

(Silêncio longo)

(Ambos de cabeça baixa, sérios. Podem acender cigarros, fumar novamente juntos, expelindo a fumaça em sincronia, alguma música ambiente de fundo que ajude. Silêncio longo, nauseante).

P – *(Levantando a cabeça, sem graça)* – Eu acho que estou sentindo.

B – *(Levantando a cabeça)* O quê?

P – O frio.

B – Te aperta?

P – Um pouco. *(Pausa)* Gela. A língua trava, né?

B – E parece que sufoca.

P – Na garganta?

B – É, na garganta, e vai descendo...

(P completa a frase de B)

P – Pro peito.

B – E depois, pra barriga.

P – E se perde dentro da gente.

B – Como num labirinto. (Pausa) Sem saída.

(Silêncio)

B – Bebe que esquenta.

P – Eu estou bebendo...

(Silêncio).

(As luzes vão diminuindo, até ficar black-out).